

Aspectos da Modificação de Estruturas Nominais

1. Caracterização da operação semântica de modificação nominal

Em Peres (1992), a modificação nominal é descrita como uma “operação semântica nominal”, isto é, “um processo que envolve a definição de uma nova denotação a partir da denotação de uma estrutura nominal nuclear¹ que funciona como operando” (p. 2). A operação em causa consiste, designadamente, como o autor refere, na aplicação a essa estrutura nominal de “uma expressão que restringe a sua denotação” (p. 9), pelo que igualmente se pode designar esta operação por “restricção nominal”.

Para compreender bem o alcance desta definição, importa reflectir sobre os conceitos de **denotação** e **restricção da denotação** (de estruturas nominais) a que ela faz apelo, contextualizando-os no quadro de uma determinada perspectiva de análise semântica, designadamente a semântica referencial (ou formal), modelo-teorética, desenvolvida a partir dos trabalhos de Montague (especialmente 1970). Neste quadro, a semântica é encarada como um sistema de interpretação linguística que visa definir um sistema de correspondências entre expressões da linguagem e objectos matemáticos (conjuntos, pares ordenados, valores de verdade, etc.) que integram um modelo do universo que a linguagem representa. São estes objectos matemáticos – que constituem, por sua vez, representações (matemáticas) de entidades reais – que constituem a **denotação** ou o **referente** das expressões linguísticas.

¹ Por “estrutura nominal nuclear”, entenda-se neste contexto uma estrutura formada por um núcleo nominal e pelos seus argumentos internos (caso existam).

1.1. Denotação das estruturas nominais

No que respeita aos nomes (unários, como *casa*, *livro* ou *pessoa*), assume-se normalmente neste quadro – desde Montague – que se trata de expressões que denotam (numa perspectiva extensional) **conjuntos** de entidades. A atribuição deste tipo de denotação às expressões nominais não é problemática no caso de nomes comuns como *livro(s)* ou *flor(es)*, os quais são analisados como denotando conjuntos de entidades (discretas) do universo – livros e flores, respectivamente. Quanto aos nomes próprios, pode considerar-se, nesta perspectiva unificadora, que eles constituem casos especiais de expressões que denotam invariavelmente conjuntos singulares (o que os distingue dos outros tipos de nomes).

A atribuição do tipo de denotação que acabo de referir a alguns outros tipos de nomes – colectivos ou massivos, por exemplo – coloca alguns problemas. As propostas de tratamento mais recentes têm ido, no entanto, no sentido de privilegiar um tratamento unificado desta classe de expressões. Consideremos, a título de exemplo, alguns casos especiais.

(i) nomes colectivos

O tratamento dos chamados nomes colectivos como expressões que denotam conjuntos de entidades é possível nos sistemas de interpretação que contemplam a existência de indivíduos complexos. É o caso do sistema proposto por Link (1983, 1984 e 1987) para o tratamento formal da operação de pluralização nominal das línguas naturais, onde o universo de discurso é analisado como uma álgebra de Boole em que se distinguem os indivíduos atómicos e as suas combinações em indivíduos complexos ou grupais. Neste tipo de sistemas, é possível analisar um nome colectivo como *alcateia*, por exemplo, como uma expressão que denota um conjunto de indivíduos complexos formados a partir de indivíduos atómicos (os lobos), não sendo necessário atribuir-lhe um tipo de denotação mais complexa (designadamente, conjuntos de conjuntos de lobos, como acontecia em Bennett, 1974).

(ii) nomes massivos

O tratamento dos nomes que referem entidades não discretas – como os nomes tradicionalmente designados massivos (*água, oxigênio, etc.*) – ainda não gerou consenso entre todos os autores. No entanto, podemos considerar, recorrendo mais uma vez a um universo com uma estrutura booleana e à ideia de que as substâncias são compostas por partes contínuas, que os nomes massivos denotam conjuntos de entidades, que são essas suas partes (cf. propostas de Link, 1983)².

(iii) nomes situacionais

O tratamento de nomes como *terramoto* ou *incêndio* como expressões que denotam conjuntos de entidades – que seriam, neste caso, situações – requer que se considerem as situações como entidades primitivas do universo de discurso e, portanto, que se enriqueça a ontologia do sistema de interpretação semântica.



Note-se ainda que alguns nomes pertencentes às três classes que acabei de referir podem ser nomes próprios, isto é, expressões que denotam um conjunto singular. É o que acontece, por exemplo, com o nome colectivo *ONU* e com o nome situacional *Restauração* nas frases que se seguem:

- (1) A ONU congrega mais de centena e meia de países.
- (2) A Restauração celebra-se no dia 1 de Dezembro.

No que respeita à denotação das estruturas nominais, importa ainda referir a existência de (pelo menos) duas classes de nomes – analisadas em Peres (1992) – que parecem não ter como denotação conjuntos de entidades³. A primeira destas classes é formada por expressões nominais que funcionam basicamente

² Para uma análise mais detalhada dos nomes massivos, v. Novais (1992).

³ Para uma maior desenvolvimento desta questão, v. Peres (1992) e ainda Marques (1992).

Discursos

como operadores de quantificação, envolvidos na determinação de medidas. Trata-se, portanto, de quantificadores (ou parte integrante de quantificadores) – designados no artigo referido **quantificadores de medição** – e não de nomes que denotam conjuntos de entidades. Exemplos destes quantificadores de medição são *parte*, *(um) litro* e *(um) balde*, nos exemplos que se seguem:

- (3) O Paulo comeu parte do bolo.
- (4) O Paulo lavou o carro com um litro de água.
- (5) O Paulo lavou o carro com um balde de água.

A segunda classe abrange os nomes que no mesmo artigo são designados **nomes de referência dependente** ou **geradores de referência** e que o autor considera não terem referência própria. Trata-se, segundo a análise proposta, de operadores “vazios de referência” que se combinam com expressões nominais e permitem definir um novo referente. Exemplos destes nomes de referência dependente são *fila*, *fatia* e *gota*, nos exemplos que se seguem:

- (6) Havia uma enorme fila de carros à entrada da auto-estrada.
- (7) O Paulo comeu uma fatia do bolo.
- (8) O Paulo deitou uma gota de óleo na corrente da bicicleta.

1.2 Restrição da denotação das estruturas nominais

Os operadores de modificação nominal – ou, simplesmente, modificadores – podem ser encarados, na perspectiva conjuntista, como expressões que denotam **funções que projectam um dado conjunto num seu subconjunto**, ou seja, como operadores que restringem um dado conjunto, a que a sua denotação se aplica. Por exemplo, se considerarmos que o nome *flor(es)* denota o conjunto das flores (de um dado universo de discurso), o resultado da aplicação de um modificador como *branca(s)* a essa expressão – ou seja, a expressão modificada *flor(es) branca(s)* – denotará um subconjunto do conjunto das flores, aquele que contém apenas as flores que são brancas.

É de notar que a operação de modificação nominal pode aplicar-se recursivamente a estruturas nominais já modificadas. Deste modo, o conjunto denotado por uma dada expressão nominal pode ser sucessivamente reduzido mediante aplicação de modificadores. Veja-se:

- (9) flor(es) branca(s) de estufa
- (10) flor(es) branca(s) de estufa vinda(s) do Japão
- (11) flor(es) branca(s) de estufa vinda(s) do Japão que o Paulo ofereceu à Ana

Em virtude desta possibilidade de aplicação recursiva, a modificação nominal desempenha – nas suas várias modalidades sintáticas, de que adiante falarei – um papel crucial na comunicação linguística. Ao permitir reduzir sucessivamente o referente de uma dada expressão nominal, a modificação nominal contribui de forma crucial para a identificação de entidades – sobre as quais se pretende predicar – que não têm na língua um nome simples (comum ou próprio) que as designe.

Importa ainda referir que existem alguns casos especiais de operadores que não restringem (pelo menos necessariamente, num dos casos) a denotação das estruturas nominais a que se aplicam, mas que pelas suas propriedades distribucionais – e também por algumas propriedades semânticas – podem ser aproximados dos operadores de modificação. Refiro-me concretamente aos adjectivos que em Keenan e Faltz (1980) são classificados como **não-restritivos (non-restricting)** e que, como os autores referem, podem ser divididos em duas subclasses: a dos **adjectivos anti-restritivos (negatively restricting)** e a dos **adjectivos potencialmente restritivos (non-restricting e non-negatively restricting)**⁴. Por limitação de espaço, ignorarei neste texto os problemas específicos que estes operadores colocam.

⁴Para uma análise mais detalhada das propriedades destes subtipos de adjectivos, v. Keenan e Faltz (1980). Em Mória (1992), são apresentados exemplos de adjectivos do Português pertencentes a cada uma destas classes.

2. Algumas restrições semânticas à operação de modificação nominal

A operação de modificação nominal está sujeita a diversas restrições de natureza semântica. Importa distinguir, pelo menos, dois tipos distintos destas restrições, que serão analisados nas subsecções seguintes: (i) a impossibilidade de modificar certas estruturas nominais – designadamente algumas daquelas em que surgem nomes próprios –, qualquer que seja o modificador que se utilize; (ii) a impossibilidade de modificar certas estruturas nominais com determinados tipos de modificadores. Este segundo caso contempla incompatibilidades operando-operador do tipo das que resultam, nas estruturas de complementação, das chamadas restrições de selecção semântica dos predicados.

2.1. Estruturas nominais não modificáveis

A definição da modificação nominal como uma operação que restringe o referente de um dado operando impõe um limite natural à sua actuação, a saber, a restringibilidade desse operando. O caso relevante é o das expressões que denotam conjuntos singulares de entidades, como os nomes próprios (pelo menos, no seu uso mais característico, que justifica o atributo de “próprio”). Com efeito, trata-se de expressões que não podem ser combinadas com qualquer tipo de modificador, o que decorre naturalmente da impossibilidade de restringir o conjunto que denotam. Veja-se a agramaticalidade das seguintes sequências (assumindo que existe um único Napoleão Bonaparte no universo de discurso):

(12) *(o) Napoleão Bonaparte francês

(13) *(o) Napoleão Bonaparte de olhos castanhos

(14) *(o) Napoleão Bonaparte que perdeu a Batalha de Waterloo

Importa, no entanto, verificar que o uso nas línguas naturais das expressões tradicionalmente designadas nomes próprios nem sempre envolve a referência a uma única entidade, ou melhor, a um conjunto singular. Com efeito, nomes próprios como *Paulo* ou *Luís* – usados tipicamente para identificar uma

única entidade num determinado contexto discursivo – podem ser igualmente usados para referir o conjunto das entidades que têm esse nome (próprio), como nos exemplos seguintes:

- (15) Conheci um Paulo que jogava futebol num clube da segunda divisão.
- (16) O Luís que eu conheço não é jogador de futebol.

É evidente que, nestes casos, as expressões *Paulo* e *Luís* estão a ser usadas como nomes “comuns” e não como nomes “próprios” (no sentido em que não denotam necessariamente conjuntos singulares). Outro uso de nomes próprios como expressões modificáveis é aquele em que estes nomes remetem para um conjunto de “dimensões” – temporais, espaciais ou outras, conforme se pode verificar nos grupos de exemplos seguintes – de uma única entidade:

- (17) a. Foi promulgada uma lei que visa a preservação de todos os vestígios arquitectónicos da Lisboa medieval.
b. O prédio que está a ser restaurado é típico da Lisboa dos anos 20.
c. A Lisboa que eu conheci há trinta anos era bem mais sossegada que a actual.
- (18) a. Foi aprovado um projecto de renovação paisagística da Lisboa ribeirinha.
b. A Lisboa que vai dos Restauradores a Entrecampos é barulhenta e poluída.
- (19) a. Deambulou por uma Lisboa de bares nocturnos e esplanadas cosmopolitas, que desconhecia por completo.
b. A Lisboa que os turistas visitam é uma parte ínfima da cidade.

Integra-se igualmente neste subtipo de estruturas a frase que se segue, onde a sequência que em (14) classifiquei como agramatical – dada a interpretação aí pretendida – tem um uso plenamente legítimo.

- (20) O Napoleão Bonaparte que perdeu a Batalha de Waterloo era um homem muito diferente do que comandou as expedições contra a Áustria em 1805.

Note-se que, neste tipo de contextos que temos estado a analisar, também podemos encontrar estruturas em que houve aplicação sucessiva de diferentes modificadores:

- (21) O Sr. Alves colecionava tudo o que lhe fizesse recordar a Lisboa cosmopolita dos anos 40 que conheceu durante a sua juventude.

Importa referir, por último, que estes usos especiais dos nomes próprios como expressões modificáveis não se devem confundir com os casos em que um aposto nominal – não isolado graficamente através de vírgulas (como acontece normalmente) – é combinado com um nome próprio. Vejam-se alguns exemplos de aposições nominais deste tipo, em que o aposto surge em posição pré-nominal⁵:

- (22) a. A Batalha de Austerlitz foi ganha pelo famoso Napoleão.
b. A Batalha de Austerlitz foi ganha pelo general Napoleão.
c. A Batalha de Austerlitz foi ganha pelo famoso general Napoleão.
- (23) A costa de África foi assolada pelo sanguinário pirata Barba-Roxa.

Vejam-se ainda os seguintes exemplos de uma outra estrutura em que um aposto ocorre também em posição pré-nominal e não é graficamente identificado pela pontuação:

- (24) a. O malvado do Barba-Roxa assolou as costas de Africa
b. O cobardolas do Paulo tem medo de viajar de avião.

⁵ É discutível que, nas estruturas (22b, c) e (23), o nome próprio seja o núcleo nominal e o nome *general* ou *pirata* o aposto (e não o inverso). Não discutirei, no entanto, esta questão neste trabalho.

Neste caso, trata-se de estruturas – que ocorrem geralmente apenas em discursos coloquiais – onde o aposto é seguido de uma preposição e de um artigo definido e tem um sentido normalmente pejorativo.

2.2. *Incompatibilidade semântica*

modificador – estrutura nominal modificada

Outro tipo de restrição a que a operação semântica de modificação nominal está sujeita diz respeito à compatibilidade entre o modificador e a estrutura nominal que ele modifica. Esta restrição é comparável àquela que – no plano da complementação nominal – é descrita como resultante das restrições de selecção (semântica) dos predicados nominais sobre os seus argumentos. No grupo (26), abaixo, encontramos dois exemplos de estruturas semanticamente anómalas resultantes da incompatibilidade entre um predicado nominal e um argumento:

- (25) a. O Paulo é autor de um romance famoso.
- b. O Paulo é irmão de dois jornalistas.
- (26) a. *O Paulo é autor de dois jornalistas.
- b. *O Paulo é irmão de um romance famoso.

No que respeita à combinação de estruturas nominais com modificadores, verifica-se, como disse, que existem também restrições de natureza semântica. Um exemplo é o da anomalia semântica resultante da aplicação do modificador *verdes* ao nome *ideias*, na famosa frase de Chomsky que a seguir reproduzo e traduzo (e que resulta, toda ela, de um encadeamento de expressões semanticamente incompatíveis):

- (27) a. *Colorless green ideas sleep furiously.
- b. *Ideias verdes incolores dormem furiosamente.

Outros exemplos de incompatibilidade modificador – estrutura modificada são os que encontramos nas estruturas que se seguem:

- (28) a. *cidades atenciosas
- b. *peixes com pulmões
- c. *mudos que falam alto
- d. *terramotos com bigode
- e. *incêndios que se reproduzem em cativeiro

Como é óbvio, a incompatibilidade em causa resulta do facto de os operadores de modificação não poderem restringir a estrutura nominal a que se aplicam, em virtude de não estarem associados a propriedades que possam caracterizar as entidades denotadas por essa estrutura. O conjunto denotado pela expressão modificada será sempre o conjunto vazio, pelo que as expressões só fazem sentido se se quiser referir algo que não existe no universo (de discurso).

A tarefa de definir as incompatibilidades semânticas entre estruturas nominais e modificadores – tal como, aliás, entre núcleos nominais e argumentos – é indispensável numa perspectiva de processamento automático da língua natural (não sendo talvez tão importante ao nível das gramáticas para utilizadores humanos, dado o conhecimento do mundo que lhes é inerente). Esta tarefa implica obviamente o recurso à definição de um sistema de traços extremamente fino, que é possivelmente demasiado oneroso – em toda a sua extensão – para ser útil à generalidade dos sistemas de processamento automático.

3. Identificação de operadores de modificação nominal: modificadores nominais *vs.* complementos e apostos nominais

Os modificadores nominais ocorrem sintacticamente como parte integrante de constituintes da categoria sintagma nominal (SN). Dado que estes constituintes podem conter operadores com outros tipos de funções, que im-

porta não confundir com os modificadores, deter-me-ei um pouco, nesta secção, na análise das propriedades distintivas destes vários operadores.

Os sintagmas nominais são constituintes com uma estrutura interna particularmente complexa, onde, em certos casos, é possível distinguir pelo menos cinco tipos de elementos estruturais: o núcleo nominal, operadores de quantificação (quantificadores nominais), complementos, modificadores e apostos. Vejamos um exemplo de um SN complexo contendo todos estes elementos:

- (29) Alguns amigos da Ana que estavam presentes na festa, solícitos,
ofereceram-se para a levar a casa depois do jantar.

O SN sublinhado integra o núcleo nominal (*amigos*), um quantificador (*alguns*), um complemento (*da Ana*), um modificador (*que estavam presentes na festa*) e um aposto (*solícitos*). Trata-se de elementos com propriedades sintácticas e semânticas muito específicas que importa distinguir. Sem pretender fazer uma análise exaustiva destas diferenças, consideremos alguns aspectos essenciais a ter em conta.

Os **quantificadores** são expressões que têm como função determinar quantidades de entidades (em sentido lato) envolvidas na predicação, desempenhando um papel crucial na relação entre as estruturas nominais e as estruturas predicativas (normalmente verbais) das frases, e, por extensão, na determinação do valor de verdade dessas mesmas frases⁶. Dado que este tipo de expressões é objecto de análise noutros trabalhos deste mesmo tomo, não me deterei mais na sua análise, apenas referindo que as expressões que desempenham esta função cobrem um vasto leque de categorias da tradição gramatical, designadamente, pelo menos, os artigos, os pronomes indefinidos, os numerais cardinais e os numerais fraccionários (cf. Peres, 1992: 12), categorias essas que não podem desempenhar, em princípio, funções de modificação⁷.

⁶ Para um maior desenvolvimento, ver, por exemplo, Peres (1990 e 1992).

⁷ Alguns autores têm defendido que algumas expressões geralmente analisadas como quantificadores têm um comportamento próximo do de modificadores de tipo adjectival. Sobre esta questão, e especialmente sobre a possibilidade de os numerais cardinais poderem ser tratados como adjectivos, nalguns dos contextos em que ocorrem, v. Peres (1987: 32 ss.).

Os **complementos nominais** ou **complementos de nome** são expressões correspondentes aos argumentos internos de predicados nominais de enaridade superior a um (isto é, com mais de um argumento interno), o que significa que a sua presença num sintagma nominal está directamente dependente do núcleo dessa estrutura, mais concretamente do número de argumentos que esse núcleo selecciona. Os nomes unários (ou não-relacionais), como *computador* ou *planeta*, por exemplo, não requerem a presença de qualquer outra expressão na estrutura interna do SN de que são núcleo, ou, por outras palavras, não têm argumentos internos (ou complementos). Trata-se de expressões que designam por si sós um conjunto de entidades. Os nomes de enaridade superior a um, pelo contrário, requerem a presença de uma ou mais expressões dentro da estrutura interna do SN, normalmente à sua direita – os chamados argumentos internos ou complementos do nome. Vejam-se os seguintes exemplos, em que sublinhámos o complemento dos nomes binários *irmão*, *dono* e *capital*:

- (30) a. irmão do Paulo
b. dono do restaurante
c. capital de Portugal

Importa salientar que estes nomes binários não designam conjuntos de entidades, mas antes relações (binárias) entre entidades (isto é, conjuntos de pares ordenados de entidades). As expressões complexas que resultam da combinação destes nomes com os seus complementos é que denotam conjuntos de indivíduos. Uma situação semelhante se verifica com os predicados ternários, mas são neste caso dois argumentos internos e não apenas um que vão permitir construir uma expressão cuja denotação é um conjunto de entidades. Vejam-se exemplos de estruturas nominais complexas com nomes ternários e dois argumentos internos:

- (31) a. telefonema do Paulo à Ana
b. comunicação do presidente aos accionistas
c. visita do Paulo a Lisboa

Assim, conforme dissemos, é só quando o(s) argumento(s) de um predicado nominal – cujo número pode variar entre zero e dois, ou talvez três – são instanciados que obtemos uma estrutura nominal que denota um conjunto de entidades; e é só nessa situação que uma estrutura nominal pode entrar num processo de modificação⁸ e mesmo de quantificação⁹. Daí que o papel dos complementos seja descrito, em Peres (1992: 2-3), como de “especificação de denotações”.

Um complemento e um modificador distinguem-se, pois, basicamente por o primeiro pertencer à estrutura argumental do predicado nominal e o segundo não. A pertença a essa estrutura – e portanto a fronteira entre um complemento e um modificador nominal – nem sempre é fácil de determinar. Este facto resulta, em parte, de não ser aplicável à generalidade dos nomes o critério sintáctico que, com os predicados verbais, por exemplo, permite distinguir argumentos de modificadores, a saber, o facto de a omissão sintáctica de um argumento dar geralmente origem – ao contrário do que acontece com os modificadores – a agramaticalidade. Não desenvolverei mais esta questão, por ela ser bastante complexa e estar fora do âmbito específico deste trabalho.

Consideremos por último os **apostos nominais**. Trata-se de expressões que surgem associadas a estruturas nominais, mas que não restringem a sua denotação (como os modificadores), nem “especificam” a sua denotação (como os complementos). O seu papel é antes o de predicar – isto é, veicular informação – sobre as entidades envolvidas na denotação dessas estruturas nominais. Neste sentido, a sua função nas frases em que ocorrem aproxima-se da dos sintagmas verbais. Compare-se, por exemplo, a frase (32a), abaixo, com a sua paráfrase (32b):

- (32) a. Os deputados, que são eleitos pelo povo, têm um mandato de quatro anos.

⁸ Note-se que, conforme referi na nota 1, na definição de modificação dada inicialmente entende-se por “estrutura nominal nuclear” a estrutura formada por um predicado nominal e todos os seus argumentos (internos), no caso de existirem.

⁹ De acordo com o conceito de quantificador nominal que aqui adopto, as expressões desta classe aplicam-se a expressões que denotam conjuntos de entidades.

- b. Os deputados são eleitos pelo povo e têm um mandato de quatro anos.

Geralmente, os apostos distinguem-se facilmente num texto escrito, dada a convenção gráfica de os separar por meio de vírgulas das expressões com que se combinam. Observem-se, por exemplo, as seguintes duas frases:

- (33) a. Os dois irmãos da Ana que eu conheço vivem no Brasil.
b. Os dois irmãos da Ana, que eu conheço, vivem no Brasil.

As expressões sublinhadas têm funções diferentes nas frases dadas. Em (33a), a oração relativa, não isolada por vírgulas, *que eu conheço* é um modificador, que restringe a denotação da expressão com que se combina – *irmãos da Ana*. A frase significa, pois, que a Ana tem mais de dois irmãos (pelo menos, na interpretação mais natural), mas que os que o enunciador conhece são apenas dois (isto é, um subconjunto dos irmãos). É sobre essas duas entidades que se predica, através da expressão *vivem no Brasil*. Em (33b), a mesma oração relativa, agora representada entre vírgulas, funciona como um aposto. Ao contrário do que acontecia no caso anterior, esta oração não tem um papel na identificação das entidades sobre que se predica. A frase significa que a Ana tem apenas dois irmãos (identificados pela expressão *irmãos da Ana*) e sobre estas entidades fazem-se duas predicções – que o enunciador as conhece e que elas vivem no Brasil (respectivamente, através do aposto e do sintagma verbal).

No que respeita à identificação de modificadores e apostos, podem surgir algumas dúvidas – resolvidas no contexto discursivo pelo sentido restritivo ou não da expressão em causa – quando os apostos nominais não surgem separados por vírgulas. Esta situação, a que as gramáticas não fazem normalmente referência, verifica-se em diferentes tipos de contextos. Sem pretender ser exaustivo, vejamos alguns exemplos:

- (i) tipos referidos em 2.1. a propósito dos nomes próprios e exemplificados em (22)-(23) e em (24). Seguem-se alguns exemplos semelhantes com nomes comuns, em que o aposto está sublinhado:

Aspectos da Modificação de Estruturas Nominais

- (34) a. O apresentador cumprimentou os felizes contemplados no concurso.
b. O sisudo apresentador anunciou o programa para essa noite.
- (35) Os desmancha-prazeres dos amigos da Ana não quiseram ir à festa.
- (ii) apostos adjetivais ou preposicionais de nomes situacionais, em posição pré ou pós-nominal ¹⁰:
- (36) É urgente tentar travar a destruição acelerada das florestas tropicais.
- (37) A destruição sem precedentes das florestas tropicais ameaça seriamente o equilíbrio ecológico do planeta.
- (38) A inesperada vitória do Partido Trabalhista surpreendeu todos os analistas políticos.

Importa não confundir este tipo de apostos com modificadores de nomes situacionais. Observe-se, por exemplo, o texto que se segue, em que o adjetivo *inesperada* (sublinhado) tem a função de modificador e não de aposto:

- (39) O Partido Trabalhista venceu as eleições em duas ocasiões, uma de forma previsível, outra de forma totalmente inesperada. A vitória inesperada fez correr rios de tinta na imprensa.
- (iii) relativas explicativas intercaladas entre um nome e um complemento – oracional ou nominal situacional –, caso em que o uso de vírgulas (ou travessões) é apenas opcional:
- (40) A certeza que temos de que não há vida noutros planetas do Sistema Solar baseia-se no conhecimento da composição da atmosfera desses planetas.
- (41) A posição que o ministro assumiu de não envolvimento na questão foi muito criticada na imprensa.

¹⁰ João Peres (c.p.) chamou a minha atenção para este tipo de estruturas.

4. Subtipos de operadores de modificação nominal

A operação de modificação nominal pode ser desempenhada, em Português, por constituintes de tipo adjectival, preposicional e oracional (como se refere, por exemplo, em Peres, 1992: 9)¹¹. Assim, o conjunto denotado por um núcleo nominal como *flor(es)*, por exemplo, pode ser restringido mediante a aplicação a esse núcleo de um sintagma adjectival, de um sintagma preposicional ou de uma estrutura oracional – por exemplo, uma oração relativa restritiva –, como nas seguintes estruturas, que designam, consequentemente, subconjuntos do conjunto denotado pelo nome *flor(es)*:

- (42) a. flores brancas
b. flores de estufa
c. flores que crescem nos Alpes

Estes tipos de modificadores são designados, respectivamente, pelos termos **modificadores adjectivais**, **modificadores preposicionais** e **modificadores oracionais**. Importa fazer uma observação sobre estes termos complexos, na medida em que o seu sentido não deve ser confundido com o termo – próximo, no processo sintáctico da sua formação – **modificadores nominais**, que tem vindo a ser usado ao longo deste texto. Com efeito, a expressão “modificadores nominais” é usada para referir as expressões que modificam nomes (ou estruturas nominais complexas), tendo, portanto, o mesmo sentido que a expressão “modificadores de nomes” (ou de estruturas nominais). O adjectivo *nominais* explicita, pois, no termo complexo em causa, o tipo de estrutura que é modificada. Já os termos “modificadores adjectivais”, “modificadores preposicionais” ou “modificadores oracionais” são usados para referir o tipo categorial do próprio modificador (e não da expressão que ele modifica). O seu sentido é, pois, equivalente ao da expressão “modificadores de tipo adjectival, preposicional ou oracional”.

¹¹ Além dos tipos de modificadores mencionados, há que ter em conta a possibilidade referida em Peres (1992: 10), e que aqui não explorarei, de se tratarem como modificadores as expressões que na gramática tradicional são designadas por pronomes possessivos (em certos contextos), pronomes demonstrativos e numerais ordinais.

Este tipo de designações pode, em determinados casos, gerar ambiguidades, na medida em que um mesmo termo pode servir para designar diferentes tipos de expressões. Assim, por exemplo, o termo “modificador adjectival”, tanto pode ser usado para designar um modificador de nomes de tipo adjectival (como *alto* na expressão *rapaz alto*), como para designar um modificador de adjectivos, que pode ou não ser de tipo adjectival (como *sujo* ou *sem brilho*, nas sequências *branco sujo* e *branco sem brilho*). Continuarei, no entanto, a usar estas designações – a par das designações mais claras *modificadores de x* e *modificadores de tipo x* –, sempre que elas não coloquem problemas de interpretação.

Ainda a propósito da questão dos subtipos de operadores de modificação nominal, importa referir que, obviamente, é possível” definir, com base em critérios sintácticos e/ou semânticos, subclasses de modificadores dos três tipos acima apresentados. Para as expressões de tipo adjectival, por exemplo, existem propostas de subclassificação em Kennan e Faltz (1980) e em Aqvist (1981) que têm em conta essencialmente propriedades semânticas¹². Neste trabalho, cingir-me-ei, no entanto, aos modificadores de tipo oracional, de que descreverei alguns subtipos na subsecção seguinte.

4.1. Subtipos de operadores de modificação nominal de tipo oracional

Como já atrás se disse, a classe dos constituintes de tipo oracional que podem funcionar como modificadores nominais não integra apenas as orações relativas restritivas. Com efeito, uma estrutura nominal pode ser modificada também por orações de tipo participial, gerundivo – com fortes restrições – e infinitivo (preposicionado), pelo que podemos considerar que existem **modificadores oracionais participiais, gerundivos e infinitivos**. Dedicarei algum espaço neste texto à reflexão sobre esta diversidade, que penso não ter sido suficientemente explorada nas gramáticas.

Para além da variação relativa à forma do predicador verbal, outro parâmetro sintáctico que permite subclassificar estas estruturas (nomeada-

¹² Por limitação de espaço, não farei neste texto uma apresentação da tipologia de expressões adjectivais proposta por estes autores (cf. Mória, 1992 para uma apresentação dessa tipologia).

Discursos

mente as participiais e as infinitivas) é o do tipo de estrutura da frase, nomeadamente no que respeita à oposição estrutura activa / estrutura passiva (ou de tipo passivo). Numa perspectiva semântica, são os valores temporo-aspectuais, a polaridade e a presença de determinados valores proposicionais, como finalidade ou consequência, que permitem, como veremos, caracterizar os vários subtipos de modificadores oracionais em análise.

Começemos pelos **modificadores oracionais participiais**. Encontramos exemplos deste tipo de modificadores – que podem geralmente ser parafraseados por orações relativas restritivas (cf. frases b. dos exemplos dados abaixo) – nas duas primeiras frases dos dois pares que se seguem:

- (43) a. Os discursos proferidos na Assembleia da República são classificados e arquivados.
b. Os discursos que são proferidos na Assembleia da República são classificados e arquivados.
- (44) a. Os documentos entregues pelo candidato estavam em ordem.
b. Os documentos que foram entregues pelo candidato estavam em ordem.

Como se pode verificar pelo confronto das frases a. com as frases b., os modificadores oracionais participiais têm uma estrutura de tipo passivo, sendo as formas participiais que neles ocorrem formas de verbos tradicionalmente designados transitivos (ou transitivos directos).

Não podem ocorrer neste tipo de modificador oracional participiais de verbos que coocorrem com Complementos Directos, mas que não podem ser utilizados em construções passivas, como *ter*, nas frases dadas abaixo, o que reforça a ideia de que estes modificadores oracionais têm uma estrutura passiva subjacente (quando ocorrem com verbos transitivos).

- (45) a. Os livros que o Paulo tem interessam-nos.
b. *Os livros que são tidos pelo Paulo interessam-nos.
c. *Os livros tidos pelo Paulo interessam-nos.

A possibilidade de utilização dos modificadores participiais não se reduz, no entanto, às formas que integram participios destes tipos de verbos. Podemos igualmente ter modificadores participiais (pelo menos) com os verbos ditos inacusativos¹³. Vejam-se os exemplos que ilustram esta possibilidade nas frases a. dos grupos que se seguem e comparem-se com as paráfrases dadas, em que se utilizam relativas restritivas (agora de estrutura activa).

- (46) a. As pessoas vindas da província têm por vezes dificuldade em se adaptar ao ritmo de vida nas grandes cidades.
b. As pessoas que vieram da província têm por vezes dificuldade em se adaptar ao ritmo de vida nas grandes cidades.
- (47) a. Algumas das crianças nascidas neste hospital este fim-de-semana já estão em casa com os seus pais.
b. Algumas das crianças que nasceram neste hospital este fim-de-semana já estão em casa com os seus pais.

Quanto aos valores temporo-aspectuais das predicções expressas pelos modificadores oracionais participiais, verifica-se que geralmente o intervalo de tempo em que elas ocorrem é anterior (na sua totalidade) ao intervalo de tempo da predicção da frase matriz. Este segundo intervalo pode sobrepor-se ao tempo de enunciação ou ser anterior a ele (caso em que a predicção tem o valor temporo-aspectual tradicionalmente designado de Pretérito Perfeito). É o que acontece, respectivamente, nos dois exemplos que se seguem:

- (48) a. Os discursos proferidos na Assembleia da República estão a ser classificados e arquivados.
b. Os discursos proferidos na Assembleia da República foram classificados e arquivados.

¹³ Sobre a noção de verbo inacusativo, cf., p.ex., Mateus *et al.* (1989).

Discursos

No caso de a predicação da frase matriz ter um valor temporal futuro, creio que são possíveis tanto uma interpretação em que o intervalo de tempo da predicação do modificador é anterior – na sua totalidade – ao tempo da enunciação como uma interpretação em que tal não acontece. Observe-se a seguinte frase:

- (49) Os discursos proferidos na Assembleia da República serão classificados e arquivados no prazo de cinco anos.

Na primeira das interpretações acima referidas, a classificação e arquivo referidos envolverão apenas os discursos proferidos até ao momento da enunciação. Na segunda, poderão envolver discursos proferidos em datas posteriores, inclusivamente imediatamente antes do processo de classificação e arquivo.

Nas asserções de carácter genérico, estamos perante intervalos de tempo não limitados, quer na predicação do modificador quer na predicação da matriz. Veja-se:

- (50) Os discursos proferidos na Assembleia da República são normalmente classificados e arquivados.

Os intervalos de tempo para que remetem a predicação expressa pelo modificador encaixado e a predicação expressa pela matriz são nestes casos basicamente ilimitados, e, portanto, sobrepõem-se. A generalização que atrás se fez de que nas frases com modificadores participiais há uma relação de anterioridade entre esses dois intervalos de tempo não é válida, portanto, para estes casos. Todavia, importa analisar esses intervalos não-limitados como contendo diversas ocorrências de eventos de proferência de discursos e de eventos de classificação e arquivo dos mesmos, respectivamente. É válida, neste caso, a asserção de que cada evento de proferência de um discurso (referido pelo modificador) é anterior ao evento da sua classificação e arquivo (referido pela matriz).

Observe-se ainda a frase que se segue, ambígua entre uma interpretação genérica e uma interpretação não-genérica das predicções nela contidas:

- (51) As pessoas vindas da província têm dificuldade em se adaptar ao ritmo de vida nas grandes cidades.

Na interpretação genérica, estamos a fazer uma asserção que envolve as pessoas vindas da província no passado e aquelas que eventualmente venham no futuro. Na outra interpretação, fazemos uma asserção sobre um conjunto definido de entidades que num momento anterior ao da enunciação vieram da província (e que no momento da enunciação estão a ter dificuldades de adaptação).

Passemos agora aos **modificadores oracionais gerundivos**. O uso deste tipo de modificadores dá origem a estruturas algo marginais, por vezes mesmo inaceitáveis. Observem-se os seguintes grupos de frases (em que a cada exemplo com um modificador gerundivo se fazem corresponder paráfrases, mais aceitáveis, com uma relativa restritiva ou com um modificador infinitivo introduzido pela preposição *a*):

- (52) a. As estruturas nominais contendo mais de um operador de quantificação são difíceis de analisar.
b. As estruturas nominais que contêm mais de um operador de quantificação são difíceis de analisar.
- (53) a. ?No nosso país, são muitas as pessoas vivendo no limiar da pobreza.
b. No nosso país, são muitas as pessoas que vivem no limiar da pobreza.
c. No nosso país, são muitas as pessoas a viver no limiar da pobreza.
- (54) a. ?Há muitas empresas recorrendo ao crédito bancário para renovar as suas instalações.

Discursos

- b. Há muitas empresas que recorrem ao crédito bancário para renovar as suas instalações.
- c. Há muitas empresas a recorrer ao crédito bancário para renovar as suas instalações.

Importa salientar que o valor temporo-aspectual da predicação expressa pelo modificador nestas estruturas é distinto do que existia nas estruturas acima analisadas. Com efeito, assere-se agora geralmente a **simultaneidade** entre o intervalo de tempo associado à predicação do modificador e o intervalo de tempo associado à predicação da matriz (eventualmente coincidente com o tempo da enunciação).

Passemos finalmente aos **modificadores oracionais infinitivos**, que apresentam uma maior diversidade de subtipos sintácticos e semânticos. Enumerarei em seguida os tipos encontrados, fazendo uma análise muito superficial e esquemática (que importa sem dúvida aprofundar) dos vários aspectos sintáctico-semânticos que os caracterizam.

(i) modificadores oracionais infinitivos de estrutura activa introduzidos pela preposição *a*. O valor temporo-aspectual é semelhante ao existente nos modificadores gerundivos, acima analisados.

- (55) a. Esta cidade tem muitos edifícios a precisar de restauração.
- b. Esta cidade tem muitos edifícios que precisam de restauração.

(ii) modificadores oracionais infinitivos com uma estrutura de tipo passivo introduzidos pelas preposições *a* e *por*. O valor temporo-aspectual destes modificadores é tipicamente o Futuro Imperfeito. Possivelmente, existem ainda valores modais específicos.¹⁴

¹⁴ Sobre este tipo de estrutura, v. Peres e Mória (em preparação).

Aspectos da Modificação de Estruturas Nominais

Este tipo de modificador está exemplificado nas primeiras frases dos grupos que se seguem. As frases que os contêm são seguidas de paráfrases em que se usam outros tipos de modificadores.

- (56) a. Os documentos a assinar estão em cima da mesa.
b. Os documentos que há que assinar estão em cima da mesa.

- (57) a. Os locais a visitar pelo Presidente durante a próxima Presidência Aberta ainda não foram definidos.
b. Os locais que serão visitados pelo Presidente durante a próxima Presidência Aberta ainda não foram definidos.

- (58) a. Quais são os documentos por assinar?
b. Quais são os documentos que estão por assinar?
c. Quais são os documentos que ainda não foram assinados?

(iii) modificadores oracionais infinitivos de valor final introduzidos pelo operador *para*.

Certos modificadores oracionais de nomes introduzidos pelo operador *para* têm um valor aproximável do das orações adverbiais finais. Vejam-se alguns exemplos:

- (59) a. As flores para oferecer à Ana estão em cima da mesa.
b. As flores para ofereceres à Ana estão em cima da mesa.
- (60) a. Os óculos para ver ao longe estão em cima da mesa.
b. ??Os óculos para veres ao longe estão em cima da mesa.

(iv) modificadores oracionais infinitivos (com um valor possivelmente aproximável do referido na alínea anterior) introduzidos pelo operador *de*.

- (61) Domingo é o dia de toda a gente ficar em casa a descansar.
- (62) A Ana guardou na pasta o caderno de fazer os exercícios.

Discursos

- (63) óculos de ver ao longe
(64) fraldas de usar e deitar fora

(v) modificadores oracionais infinitivos de valor consecutivo introduzidos pelo operador *de*.

Certos modificadores oracionais introduzidos pelo operador *de* têm um valor aproximável do de estruturas oracionais consecutivas. Penso, no entanto, que a formação deste tipo de modificadores resulta de um processo sintático pouco produtivo, isto é, as expressões em causa estão limitadas a um número restrito de formas mais ou menos fixas. Vejam-se alguns exemplos:

- (65) Na Rússia, faz um frio de rachar.
(66) Neste filme há cenas de arrepiar os cabelos.
(67) Era uma dor de subir pelas paredes.

(vi) modificadores oracionais infinitivos de polaridade negativa introduzidos pelo operador *sem*.

O operador *sem* pode – embora algo marginalmente – introduzir orações infinitivas que, na presença desse operador, assumem um valor de polaridade negativa. Ilustram esta possibilidade as duas primeiras estruturas dos pares que se seguem (as quais são seguidas de uma paráfrase em que se usaram relativas restritivas):

- (68) a. OK/?Não podem atravessar a fronteira cães sem estarem vacinados.
b. Não podem atravessar a fronteira cães que não estejam vacinados.
(69) a. OK/?Traz-me um livro sem ter a capa dobrada!
b. Traz-me um livro que não tenha a capa dobrada!

Aspectos da Modificação de Estruturas Nominais

Do ponto de vista semântico, todos os constituintes de tipo oracional analisados nesta secção têm em comum o facto de se combinarem com estruturas nominais a que restringem a referência, ou seja, o facto de serem modificadores nominais. Do ponto de vista distribucional, trata-se de orações que ocorrem na estrutura interna de sintagmas nominais em contextos semelhantes ao das relativas restritivas, pelo que penso ser adequado integrá-las na classe tradicional das orações (subordinadas) adjectivas, classe essa que seria assim dividida em quatro subclasses: as **adjectivas relativas**, as **adjectivas participiais**, as **adjectivas gerundivas** e as **adjectivas infinitivas**.

Telmo Lopes Mória é Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no Departamento de Linguística Geral e Românica, onde tem leccionado as cadeiras de Lógica e de Sintaxe e Semântica do Português. Defendeu recentemente uma dissertação de Mestrado sobre construções relativas sem antecedente expresso.

Referências bibliográficas

- ÅQVIST, L. (1981) – “Predicate Calculi with Adjectives and Nouns”, in *Journal of Philosophical Logic*, 10, pp. 1-26.
- BENNETT, M. (1974) – *Some Extensions of a Montague Fragment of English*, diss. de dout., UCLA, dist. Indiana University Linguistics Club, 1975.
- KEENAN, E. L.; FALTZ, L. M. (1980) – “A New Approach to Quantification in Natural Language”, in C. Rohrer (org.) – *Time, Tense, and Quantifiers. Proceedings of the Stuttgart Conference on the Logic of Tense and Quantification*, Tübingen, Niemeyer.
- LINK, G. (1983) – “The Logical Analysis of Plurals and Mass Terms (A Lattice-Theoretical Approach)”, in R. Bauerle, C. Schwarz and A. von Stechow (orgs.) – *Meaning, Use and Interpretation of Language*, Berlin, de Gruyter.
- LINK, G. (1984) – “Hydras, On the Logic of Relative Constructions with Multiple Heads”, in F. Landman e F. Veltman (orgs.) – *Varieties of Formal Semantics*, Dordrecht, Foris.
- LINK, G. (1987) – “Generalized Quantifiers and Plurals”, in P. Gardensfors (org.) – *Generalized Quantifiers, Linguistic and Logic Approches*, Dordrecht, D. Reidel.
- MARQUES, R. (1992) – “Sobre o Conceito de Construção Partitiva” in *Cadernos de Semântica*, 2, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MATEUS, M. H.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. (1989) – *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ª ed. revista e aumentada, Lisboa, Editorial Caminho.
- MÓIA, T. (1992) – “Sobre Classes Semânticas de Adjectivos” in *Cadernos de Semântica*, 7, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MONTAGUE, R. (1970) – “The Proper Treatment of Quantification in Ordinary English”, in J. Hintikka, J. Moravcsik e P. Suppes (orgs.) – *Approaches to Natural Language, Proceedings of the 1970 Stanford Workshop on Grammar and Semantics*, Dordrecht, D. Reidel, 1973, reimpr. in *Formal Philosophy, Selected Papers of Richard Montague*, org. e intr. por R. Thomason, New Haven, CT, Yale Univ. Press, 1974.
- NOVAIS, M.C. (1992) – “Aspectos da Massividade” in *Cadernos de Semântica*, 6, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Aspectos da Modificação de Estruturas Nominais

PERES, J. (1987) – *Para uma Semântica Formal da Quantificação Nominal Não-Massiva*, diss. de dout., Universidade de Lisboa.

PERES, J. (1990) – “Basic Aspects of the Theory of Generalized Quantifiers”, in M. Filgueiras, L. Damas, N. Moreira e A.P. Tomás (orgs.) – *EALIA 90: Advanced School on Natural Language Processing, Lecture Notes in Artificial Intelligence*, Berlim, Springer-Verlag, 1991.

PERES, J. (1992) – “Questões de Semântica Nominal”, in *Cadernos de Semântica*, 1, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

PERES, J.; MÓIA, T. – *Questões de Língua Portuguesa* (texto em preparação).